

ENTREVISTA COM ANDRÉ LUÍS GOMES

Márcia Manir Miguel Feitosa
Maria Aracy Bonfim

André Luís Gomes é mestre e doutor em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), graduado em Educação Artística - habilitação em ARTES CÊNICAS na Escola de Comunicação e Artes (ECA -USP) e em LETRAS pela Universidade de Franca (1989). É professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília e já atuou como editor da Revista Cerrados - Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura (2007 - 2012) e editor geral da Revista da Anpoll (2010-2012). Autor dos livros *Marcas de Nascimento: a contribuição de Gonçalves de Magalhães para o Teatro Brasileiro* e *Clarice em Cena: as relações entre Clarice Lispector e o Teatro*. Organizou os livros *Ensino Teatro* (2012), *Penso Teatro* (2013). É também diretor e coordenador do COLETIVO DE QUARTA (grupo teatral). Atualmente desenvolve Pós-Doutorado na Universidade do Minho, Portugal.

1) Como se deu a escolha por pesquisar e desenvolver estudos sobre o teatro de Clarice Lispector?

No final da licenciatura em Artes Cênicas na ECA-USP já iniciei o mestrado em Literatura sob orientação do Prof. Dr. Flávio Aguiar em que estudei as contribuições de Gonçalves de Magalhães para o Teatro Brasileiro. Dentre os créditos cumpridos, resolvi cursar a disciplina oferecida pela Profa. Dra. Nádia Battella Gotlib, que, na época, finalizava pesquisa de titulação, mantinha um grupo de pesquisa sobre a obra e vida de Clarice Lispector e é uma das pesquisadoras mais respeitadas dos estudos claricianos. Como avaliação final, deveríamos escrever um artigo analisando contos ou romances claricianos. Um grupo de amigos estava em cartaz com a montagem “Clarispectos de Nós” e tive a ideia de realizar o trabalho final da disciplina sobre essa adaptação. Solicitei autorização da Profa. Nádia que não só aceitou minha proposta como a incentivou. Empolgado, iniciei pesquisa sobre as adaptações realizadas anteriormente e me deparei com um número considerável de adaptações e de excelentes recepções críticas de alguns

dos espetáculos. No grupo de pesquisa, comecei a reunir artigos jornalísticos e material de divulgação das adaptações. Descobri que, em 1965, Fauzi Arap dirigiu o espetáculo “Perto do Coração Selvagem”, a primeira montagem a partir de trechos do romance homônimo, mas, principalmente, de *A Paixão Segundo G.H.* e do livro de contos *A Legião Estrangeira* em cuja segunda parte, “Fundo de Gaveta”, Lispector reuniu fragmentos, anotações dispersas e a tragédia *A Pecadora Queimada e os Anjos Harmoniosos*.

O artigo final, que deveria ter de 10 a 20 páginas, ultrapassou as 50 (cinquenta) páginas e, além disso, apresentei uma amadora exposição dos artigos jornalísticos, cartazes de divulgação e programas das adaptações identificadas durante a pesquisa, auxiliado pelos integrantes do grupo.

Fui incentivado a mudar meu projeto de mestrado, mas estava finalizando a dissertação e, empolgado, desenvolvi o projeto de doutorado a partir desse artigo final. Sob a orientação do Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria (FFLCH – USP), defendi em 2004, a tese “CLARICE EM CENA: AS RELAÇÕES ENTRE CLARICE LISPECTOR E O TEATRO”, publicada, em 2007, pela Editora da Universidade de Brasília.

2) Que adaptações teatrais clariceanas merecem ser mais bem conhecidas do público leitor? E por quê?

Há várias adaptações que resultaram em montagens de sucesso de público e de crítica. Mas vou destacar duas adaptações que foram realizadas por Fauzi Arap: “Perto do Coração Selvagem”, em 1965, e “A paixão segundo G.H., em 2003, dirigida por Enrique Diaz.

A montagem “Perto do Coração Selvagem” merece ser conhecida não só por ser o primeiro espetáculo de grande recepção de crítica e de público, mas também por ter sido adaptada por Fauzi Arap, que era amigo pessoal de Clarice e conhecedor de sua obra. O elenco reuniu as atrizes Glauce Rosa e Dirce Migliaccio e os atores José Wilker e o próprio Fauzi Arap. Nesta primeira montagem, Clarice já aparece em cena como personagem, interpretada por Glauce Rocha. Há fotos de Clarice Lispector com o elenco e esta parece ter sido a única adaptação que a autora tenha assistido ao ensaio e a uma das apresentações. O “roteiro” construído evidencia o grande conhecedor que Fauzi Arap era

da obra clariciana, reunindo fragmentos dos romances *Perto do Coração Selvagem* e *A paixão segundo G.H.*, contos e crônicas.

Em 2004, Fauzi Arap assinou a adaptação do monólogo “A Paixão Segundo G.H.” a partir do romance homônimo, dirigido por Enrique Diaz e interpretada pela atriz Mariana Lima. Assisti ao espetáculo no SESC Belenzinho – SP. Em espaço teatral não convencional, G.H. conduzia uma reduzida plateia da sua sala-quarto, rebaixada e soturna, para um corredor branco fortemente iluminado em que a plateia ficava em pé encostada nas paredes e, finalmente, se dirigia ao quarto da empregada Janair.

O texto adaptado para um espetáculo de uma hora e meia costura trechos do romance de forma coesa e criativa e a encenação utilizava recursos cênico-midiáticos explorando com criatividade as metáforas clariceanas e o teor filosófico do texto.

3) Em 2007, você lançou o livro *Clarice em cena: as relações entre Clarice Lispector e o teatro*. Como analisa a recepção de seu trabalho na academia e fora dela?

Quando decidi realizar a pesquisa de doutorado sobre a autora Clarice Lispector tinha consciência da imensa fortuna crítica da obra clariciana e gostaria de contribuir de alguma forma. Quando iniciei a pesquisa percebi que as relações entre Clarice e o Teatro não se limitavam às adaptações teatrais, pois a autora, embora não tenha se dedicado à criação dramaturgica, escreveu e publicou a tragédia *A Pecadora Queimada e os Anjos Harmoniosos*; traduziu clássicos do teatro mundial (*A casa de Bernarda Alba*, de Federico Lorca; *Hedda Gabler*, de Ibsen; *Os Corruptos*, de Lilian Helman; *Sotoba Komachi*, de Mishima, *The Member of the Wedding*) e, como jornalista, escreveu crônicas sobre encenações teatrais e entrevistou dramaturgos, diretores, atores e atrizes consagrados como Tônia Carrero, que foi sua amiga pessoal, Paulo Autran, Nelson Rodrigues, Tarcísio Meira, Bibi Ferreira etc

O eixo da minha pesquisa “Literatura e Teatro” limita o foco de interesse de pesquisadores, mas sei que minha tese já ganhou desdobramentos e novas contribuições, por exemplo, com as teses “Clarice Lispector via Hélène Cixous: uma leitura-escritura em vis-à-vis”, de Jean Claude Lucien Mirroir e “Clarice Lispector: uma tradutora em fios

de seda (teoria, crítica e tradução literária)”, de Rony Márcio Cardoso e com a dissertação “Clarice através do ator”, de Vanessa Bruno.

Defendi a tese em 2004 e ela foi publicada em 2007. Já se passaram 13 anos e agora percebo uma recepção mais constante e acredito que internet contribuiu para dar visibilidade à pesquisa que desenvolvi.

4) Considerando a volumosa produção crítica acerca da obra de Clarice, que percurso você indicaria aos pesquisadores iniciantes?

Para os pesquisadores iniciantes e que querem conhecer a autora, indico sempre o livro *Clarice: uma vida que se conta*, de Nádya Gotlib, uma biografia cuidadosa e que traça, como o título evidencia, relações entre a vida de Clarice Lispector e sua obra literária. Os estudos de Benedito Nunes, entre eles *O Drama da Linguagem*, é fundamental para entendermos os procedimentos filosóficos e os questionamentos a partir de uma linguagem metafórica e dialógica.

Olga de Sá, em *A escritura de Clarice Lispector*, faz um apanhado das características da obra clariciana e o pesquisador, professor e crítico português, Carlos Mendes de Sousa, em *Figuras da escrita e Clarice Lispector: Pinturas*, se debruça sobre toda a obra da escritora com criatividade, estabelecendo diálogos com outros autores e obras.

Clarice Lispector foi escritora e jornalista, mas também tradutora, dramaturga e se arriscou na pintura. Além disso, escreveu e recebeu cartas, pois morou 16 anos fora do Brasil. Portanto, há vários percursos e há como focar, nesses percursos, aspectos variados, afinal Clarice cumpre com regras e problematiza a própria escrita.

Quando Clarice publicou seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, em 1943, os três grandes críticos da época, Álvaro Lins, Antonio Candido e Sergio Millet, se surpreenderam e apontaram as inovações daquela “jovem escritora”. Como minha pesquisa de doutorado foi sobre as relações entre Clarice e o Teatro, foi extremamente norteador ler a crítica de Álvaro Lins em que ele compara o romance de estreia de Clarice com *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues.

Quem se interessa pelos escritos de Clarice Lispector nos jornais e revistas deve buscar os estudos de Aparecida Maria Nunes publicados em livros, entre eles, *Clarice Lispector Jornalista*.

Como eu disse, há muitos percursos e uma fortuna crítica considerável e que se renova a cada ano. Com o centenário de Clarice, muitas revistas dedicaram dossiês à autora e novos estudos e olhares renovam e são renovados com a obra clariceana.